

John Steinbeck

BAIRRO DA LATA

*tradução de*  
Luiza Maria de Eça Leal

LIVROS DO BRASIL

*Para Ed Ricketts  
que sabe, ou deveria saber, porquê*

Cannery Row, em Monterey, na Califórnia, é um poema, um fedor, uma estridência, uma gradação de luz, uma tonalidade, um vício, uma nostalgia, um sonho. Cannery Row é acumulação e desperdício; lata, ferro, ferrugem e gravetos; pavimentos escavacados, terrenos de urtigas e amontoados de cordame; fábricas de enlatar sardinhas de chapa ondulada, cabarés reles, restaurantes, bordéis e pequenas mercearias atravancadas; laboratórios e albergues. Os seus habitantes são, como disse o homem certa vez, «pegas, alcoviteiras, batoteiros e filhos da mãe», com o que pretendia dizer «toda a gente». Tivesse o homem espreitado por outra frincha e talvez dissesse: «Santos e anjos, mártires e homens bons», e significaria a mesma coisa.

Pela manhã, quando a frota da sardinha fez boa safra, entram as barcaças na baía a apitar, balouçando pesadamente. Cheios a deitar por fora, os barcos acostam ali, onde a traseira das fábricas mergulha na baía. A imagem é de avisada escolha, porque se as fábricas mergulhassem a boca na baía as sardinhas enlatadas que emergem do extremo oposto seriam, metaforicamente pelo menos, ainda mais repugnantes. Depois estridulam as sereias das fábricas, e em toda a vila homens e mulheres enfiam as suas andainas e correm direito ao bairro para dar começo à faina. Automóveis reluzentes levam as classes superiores, os superintendentes, os guarda-livros, os patrões, que logo desaparecem nos escritórios. Da vila surgem italianos, chineses e polacos em torrente, homens e mulheres de calças, casacos de borracha e aventais de oleado. Chegam correndo para limpar, cortar, escolher, cozinhar e enlatar o peixe. A rua toda ruge, geme, guincha, trepida, enquanto os prateados rios de peixe se escoam dos barcos, os quais vão alteando mais e mais até ficarem vazios.

As fábricas sussurram, vibram e grunhem até o último peixe estar limpo, cortado, cozinhado e enlatado; e então estridulam de novo as sereias, e os italianos, os chineses, os polacos, homens e mulheres a pingar, estafados, fedorentos, arrastam-se derreados pelo monte acima a caminho da vila, e Cannery Row volta a ser ele mesmo — tranquilo e encantado. A sua vida normal restabelece-se. Os desocupados que se recolheram desgostosos debaixo do cipreste vão sentar-se nos canos ferrugentos do terreno devoluto; as pequenas da Dora saem em busca de um pouco de sol, se o há; o Doutor emerge do Laboratório Biológico Ocidental, atravessa a rua e vai à loja de Lee Chong por dois quartilhos de cerveja; Henri, o pintor, fareja, qual podengo, por entre a tralha no terreno das urtigas, procurando um pedaço de madeira ou de metal de que carece para o barco que está a construir. Já se infiltra a escuridão; acende-se a luz da rua fronteira à casa da Dora — o lampião que derrama em Cannery Row permanente luar. Ao Laboratório Biológico Ocidental chegam visitas para o Doutor e este atravessa a rua e vai ao Lee Chong por cinco quartilhos de cerveja.

Como emprestar aqui vida ao poema, ao fedor, à estridência, à gradação de luz, à tonalidade, ao vício, ao sonho? Quando se colecionam animais marinhos encontram-se vermes espalmados que de tão frágeis se torna impossível colhê-los intactos, porque ao tocar-lhes se partem e desfazem. É preciso deixar que se arrastem e deslizem por si próprios para uma lâmina e dirigi-los então cuidadosamente para dentro do frasco de água do mar. Será esse talvez o processo para escrever este livro — abrir a folha e deixar que as histórias deslizem para ela por si próprias.

A loja de Lee Chong, conquanto não fosse um modelo de asseio, era um milagre de fornecimento. Exígua e atravancada, mas no seu único compartimento qualquer um podia encontrar tudo o que desejava e de que precisava para viver e ser feliz — roupas, comida, tanto fresca como enlatada, álcoois, tabaco, apetrechos de pesca, máquinas, barcos, cordame, bonés, costeletas de porco. Podia-se adquirir na loja de Lee Chong um par de chinelos, um quimono de seda, um quartilho de uísque e um charuto. Podiam-se engendrar combinações que se adequassem a quase todos os estados de espírito. A única comodidade que Lee Chong não possuía podia obter-se no outro lado do terreno, na Dora.

A loja abria de madrugada e não fechava enquanto não se despendesse a última moeda errante ou a não retirassem para o repouso da noite. Não que Lee Chong fosse usurário, não era; mas, se alguém se dispunha a gastar dinheiro, estava às ordens. A posição de Lee Chong dentro da comunidade surpreendia-o tanto quanto ele era suscetível de surpresas. Com o decorrer dos anos todos em Cannery Row lhe deviam dinheiro. Nunca apertava com os fregueses, mas, se a conta se tornava demasiadamente grande, cortava-lhes o crédito. Na contingência de subir o monte até à vila, o freguês geralmente pagava ou fazia o possível para isso.

Lee possuía uma cara bolachuda e maneiras delicadas. Falava um inglês enfático, nunca empregando a letra erre. Durante as guerras do Tong<sup>1</sup>, na Califórnia, encontrou-se Lee uma ou outra vez com a cabeça posta a prémio. Seguia então secretamente para São Francisco, internando-se num

<sup>1</sup> Guerras de gangues sino-americanos que abalaram Nova Iorque na viragem do século XIX para o século XX. (*N. do R.*)

hospital até o perigo ter passado. O que fazia do dinheiro nunca ninguém o soube. Talvez não chegasse a recebê-lo. Talvez a sua riqueza consistisse inteiramente em contas por pagar. Vivia bem, no entanto, e gozava do respeito de todos os vizinhos. Ia fiando aos fregueses até o crédito atingir o ridículo. Por vezes fazia negócios furados, mas até esses conseguia transformar em vantagem, em boa vontade, quanto mais não fosse. Assim aconteceu com o Palácio-Albergue e Grill. Qualquer outro que não fosse Lee Chong teria considerado a transação uma perda total.

O posto de Lee Chong na loja era por detrás do balcão dos charutos. Ficava-lhe assim à esquerda a caixa registadora e à direita o ábaco. Dentro do balcão de vidro estavam os charutos castanhos, os cigarros, os *Bull Durham*, a *Duke's Mixture*, os *Five Brothers*, enquanto, em prateleiras na parede por detrás dele, estavam quartilhos, meios quartilhos e quartos de *Old Green River*, *Old Town House*, *Old Colonel* e o favorito — *Old Tennessee*, mistura de uísque velho de quatro meses, garantido, muito barata e conhecida nas redondezas por *Old Tennis Shoes*. Não era sem razão que Lee Chong se interpunha entre o uísque e o freguês. Já em várias ocasiões alguns espíritos práticos tinham tentado desviar-lhe a atenção para outros pontos da loja. Na parte restante do estabelecimento atendiam primos, sobrinhos, filhos, noras, mas Lee nunca abandonava o balcão dos charutos. O tampo de vidro do balcão constituía a sua secretária. As suas mãos, gordinhas, delicadas, descansavam sobre o vidro, com os dedinhos a agitarem-se quais salsichas irrequietas. Uma larga aliança no dedo médio da mão esquerda era a sua única joia e com ela dava pancadinhas silenciosas no tapetinho dos trocos cuja borracha há muito se encontrava gasta. Lee tinha a boca grossa, benevolente, e, quando se ria, o chispar do ouro era magnânimo, cordial. Usava óculos de meia-lua, e, como observava tudo através deles, recuava a cabeça para ver as coisas à distância. Percentagens, descontos, contas de somar, de subtrair, tudo executava no ábaco com os irrequietos dedinhos em forma de salsicha, os benévolos olhos castanhos vagueando pela loja, os dentes faiscando sorrisos aos fregueses.

Uma tarde, no seu poiso, sobre uma camada de jornais destinada a conservar-lhe os pés quentes, revia ele com ironia e tristeza uma transação

que realizara nessa tarde e voltara a realizar mais tarde nesse mesmo dia. Saindo da loja, atravessando em diagonal o terreno devoluto, tateando por entre os enormes canos ferrugentos rejeitados pelas fábricas, encontrar-se-á um caminho entre as ervas. Siga-se este até ultrapassar o cipreste, atravesse-se a linha férrea subindo o carreiro das galinhas pontilhado de cunhos e alcançar-se-á um edifício comprido e baixo onde de há muito tempo se guarda farinha de peixe. Era um barracão enorme e pertencia a um atribulado senhor chamado Horace Abbeville, que tinha duas mulheres e seis filhos e que durante alguns anos conseguira por meio de lamúrias e persuasão elevar a sua dívida na loja a uma soma tal que não havia outra em Monterey que se lhe comparasse. Nessa tarde aparecera na loja, e o seu rosto sensível, cansado e triste contraiu-se perante o ar severo que perpassou pela cara de Lee. Os dedos flácidos de Lee tamborilavam no tapetinho de borracha. Horace pôs as mãos de palmas para cima sobre o balcão dos charutos e disse com simplicidade:

— Creio que já lhe estou a dever uma porção de dinheiro.

Os dentes de Lee faiscaram em homenagem a uma entrada tão hábil como jamais ouvira a alguém. Meneou gravemente a cabeça, mas esperou que a habilidade se desenvolvesse.

Horace humedeceu os lábios com a língua em execução perfeita, de canto a canto.

— Não me agrada que essa situação fique suspensa sobre a cabeça dos garotos — disse ele. — Você se calhar nem um pacotinho de pastilhas de hortelã-pimenta lhes fiava.

A cara de Lee sancionou esta conclusão.

— Polção de massa — disse.

Horace prosseguiu:

— Você conhece aquele meu terreno, para lá do carreiro, onde está a farinha de peixe?

Lee Chong meneou a cabeça. Era dele a farinha de peixe. Horace prosseguiu com gravidade:

— Se eu lhe desse esse terreno saldava a minha dívida para consigo?

Lee Chong recuou a cabeça e fitou Horace através da metade dos

óculos, enquanto a sua imaginação adejava por entre cálculos e a mão direita remexia, agitada, no ábaco. Considerou a construção, que era fraca, o terreno, que podia valorizar-se se alguma das fábricas se desenvolvesse.

— Sim — disse Lee Chong.

— Bem, traga lá os papéis e passo-lhe uma declaração de venda desse terreno — rematou Horace, que parecia apressado.

— Não precisa papel — disse Lee. — Passo lecibo de liquidação total.

Concluíram a transação com dignidade e Lee Chong acrescentou-lhe um quartilho de *Old Tennis Shoes*. Depois Horace Abbeville, muito apurado, atravessou o terreno, ultrapassou o cipreste, seguiu pelo atalho, subiu o carreiro das galinhas até à construção que fora sua e, com um tiro, ficou-se sobre um monte de farinha de peixe. E, embora nada tenha que ver com esta história, nunca mais faltou a nenhum dos pequenos Abbevilles, fosse qual fosse a mãe, uma pastilha de hortelã-pimenta.

Mas, voltando àquela tarde, Horace jazia sobre o cavalete com as agulhas de embalsamar espetadas, e as suas duas mulheres estavam sentadas nos degraus da casa com os braços em volta uma da outra (permaneceram amigas até ao final do enterro, após o qual dividiram as crianças e nunca mais se falaram). Lee Chong estava por detrás do balcão dos charutos com os seus simpáticos olhos castanhos volvidos para o íntimo em perene e tranquila melancolia chinesa. Sabia não lhe ter sido possível evitar aquilo, mas desejava tê-lo sabido e tentado talvez dar-lhe remédio. Fazia parte integrante da bondade e solidariedade de Lee considerar inviolável o direito de um homem se matar; todavia, um amigo pode às vezes tornar isso desnecessário. Lee contribuíra logo para o funeral e enviara às famílias atingidas um cesto com géneros alimentícios.

Agora Lee Chong era senhor do edifício de Abbeville: um bom telhado, um bom soalho, duas janelas, uma porta. Estava, é certo, cheio até cima de farinha de peixe, cujo odor era subtil e penetrante. Lee Chong considerou-o bom para arrecadação de víveres, uma espécie de armazém; mas, após segunda reflexão, desistiu. Ficava demasiado distante e qualquer pessoa podia entrar por uma janela. Tamborilava sobre o tapetinho

de borracha com a aliança de ouro e considerava o problema quando a porta se abriu e Mack entrou. Mack era o mais velho, o chefe, o mentor, e em certa medida o explorador de um pequeno grupo de homens que não possuíam ambições entre si, nem família, nem dinheiro, nem pretensões além das da comida, da bebida e do prazer. Mas enquanto a maior parte dos homens se aniquila na ânsia do prazer e desanimada cai muito aquém do seu alvo, Mack e os amigos topavam com o prazer por casualidade, serenamente, e absorviam-no devagar. Mack e Hazel, jovem de muita força, Eddie, que ocupava o lugar de *barman* no La Ida, Hughie e Jones, que de tempos a tempos caçavam rãs e gatos para o Laboratório Biológico Ocidental, viviam habitualmente naqueles enormes canos ferrugentos no terreno contíguo ao de Lee Chong. Isto é, viviam no interior dos canos quando o mau tempo a tal os obrigava; quando estava bom tempo ficavam no alto do terreno à sombra do cipreste. As ramadas formavam um dossel debaixo do qual um homem podia deitar-se e observar o fluxo e a vitalidade de Cannery Row.

Lee Chong retesou-se um tudo-nada à entrada de Mack e os seus olhos percorreram rapidamente o estabelecimento a certificar-se de que o Eddie, o Hazel, o Hughie ou o Jones não tinham também entrado esgueirando-se por entre a mercadoria.

Mack dispôs as cartas com franqueza aliciante.

— Lee — disse —, eu, o Eddie e os outros ouvimos dizer que você é o dono do edifício do Abbeville.

Lee Chong meneou a cabeça e esperou.

— Eu e os meus amigos decidimos perguntar-lhe se nos deixa ir pra lá. Tomávamos-lhe conta da propriedade — acrescentou pressuroso. — Não deixávamos lá entrar ninguém, nem estragar coisa alguma. Os garotos são capazes de lhe escaqueirar as janelas, sabe? — avisou Mack. — O edifício pode arder se não estiver lá quem esteja de olho nele.

Lee recuou a cabeça, fixou os olhos de Mack através dos seus óculos de meia-lua e o tamborilar do dedo diminuía de intensidade à medida que ia refletindo energicamente. Os olhos de Mack traduziam boa vontade, camaradagem e o desejo de fazer a felicidade de todos. Porque se sentiu então

vagamente cercado? Porque procuraria o seu espírito uma saída, cautelosa, como um gato entre catos? A coisa fora apresentada com gentileza, quase com sentido filantrópico. O espírito de Lee mediu as possibilidades — não, as probabilidades —, e o tamborilar do seu dedo diminuiu ainda mais de intensidade. Viu-se a recusar o pedido de Mack e visionou os vidros das janelas todos partidos. Depois Mack oferecer-se-ia segunda vez para cuidar e olhar pela propriedade de Lee, e à segunda recusa Lee podia já sentir o cheiro do fumo, podia ver as chamazinhas crepitarem pelas paredes acima. E Mack e os amigos ajudariam a extinguir o fogo. O dedo de Lee teve uma pausa ligeira. Fora vencido. Sabia-o. Só lhe restava uma probabilidade: salvar a face, e aí era Mack suscetível de ser muito generoso.

— Você paga aluguel da minha casa? Você vive lá como se fosse hotel? — perguntou Lee.

Mack sorriu abertamente e foi generoso.

— Claro! — exclamou. — É uma ideia. E é qu'ê mesmo. Quanto?

Lee refletiu. Sabia que não importava o preço. De qualquer modo não o receberia. Já agora valia a pena pedir uma quantia choruda, que realmente lhe limpasse a face.

— Cinc' dolá a semana — propôs.

Mack continuou o jogo até final.

— Tenho de consultar os rapazes — disse, irresoluto. — Não podia baixar isso pra quatro dólares por semana?

— Cinc' dolá! — repetiu Lee com firmeza.

— Bem, vou ver o que dizem os rapazes — retorquiu Mack.

Foi assim que aconteceu. E todos ficaram satisfeitos. E se se julga que Lee sofreu com isso perda total, ele, pelo menos, não viu o caso assim. As janelas não foram partidas, não houve incêndio, e, embora nunca fosse paga uma só renda, quando os inquilinos tinham dinheiro — e tinham-no muitas vezes —, não lhes ocorria a ideia de o gastar em qualquer outra loja que não fosse na de Lee Chong. Ficava assim com um pequeno grupo potencialmente ativo de fregueses encapotados. E a coisa ia mais longe. Se algum bêbedo causava distúrbios na loja, se os garotos irrompiam de Nova Monterey decididos à pilhagem, Lee Chong só tinha de chamar, e

os inquilinos apareciam em seu auxílio. Outro pacto foi estabelecido: não se deve cuspir na mão que lhe deu sopa. O que Lee Chong economizava em latas de feijão, de tomate, de leite e em melões pagava e voltava a pagar a renda. E se se verificava desusado e crescente escoamento nas outras lojas de Nova Monterey, Lee Chong nada tinha que ver com isso.

Entraram os rapazes e saiu a farinha de peixe.

Ninguém sabe quem deu o nome ao edifício, que ficou sempre depois a ser conhecido por Palácio-Albergue e Grill. Nos canos e debaixo do cipreste nunca houvera espaço para mobília, nem para os pequenos requintes que são não só o indicativo, mas também as fronteiras da nossa civilização. Uma vez dentro do Palácio-Albergue, os rapazes deitaram-se a mobilá-lo. Apareceu uma cadeira, uma cama, outra cadeira. Uma drogaria forneceu uma lata de tinta encarnada, sem relutância, porque não se deu conta do facto, e à medida que ia aparecendo ou uma mesa ou um banco eram estes pintados, o que não só os tornava muito bonitos, mas também os mascarava até certo ponto para o caso de o anterior dono por lá passar. Começou então a funcionar o Palácio-Albergue e Grill. Os rapazes podiam sentar-se à soleira da porta e alongar a vista pelo carreiro, pelo terreno, pela rua, para dentro mesmo das janelas da frente do Laboratório Biológico Ocidental. De noite podiam ouvir a música vinda do laboratório. E os seus olhos seguiram o Doutor pela rua fora quando este foi pela cerveja ao Lee Chong.

— Aquele Doutor é um excelente tipo. Nós devíamos fazer qualquer coisa por ele — disse Mack.